

## **AFRICANIDADES NA ESCOLA: DUAS INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS COMO POSSIBILIDADE PARA A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI Nº 10.639/03<sup>1</sup>**

**Autora: Ruthe de Paula Dias**

Graduanda em Licenciatura em História e graduada em Bacharelado em Humanidades pela  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

*Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), [ruthedepauladias@yahoo.com.br](mailto:ruthedepauladias@yahoo.com.br)*

**Coautor: Antônio Micael Pontes da Silva**

Graduando em Licenciatura em Sociologia e graduado em Bacharelado em Humanidades pela  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

*Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB),*

*[mickaelpontessilva@aluno.unilab.edu.br](mailto:mickaelpontessilva@aluno.unilab.edu.br)*

**Orientadora: Dr<sup>a</sup> Rebeca de Alcântara e Silva Meijer**

Doutora em Educação (2012), mestre em Educação (2007) e graduada em Pedagogia pela  
Universidade Federal do Ceará (UFC).

*Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), [rebeca.ameijer@unilab.edu.br](mailto:rebeca.ameijer@unilab.edu.br)*

**Resumo:** Desde que foi promulgada a lei 10.639/2003, surgiu à necessidade de inserir novas intervenções pedagógicas nas escolas que estejam pautadas no reconhecimento e valorização da história e cultura africana e afro-brasileira. Diante disso, este trabalho tem como objetivo analisar duas intervenções pedagógicas realizadas na Escola de Ensino Infantil e Fundamental I Diomedes Marinho, localizada no município de Baturité-Ceará. Teve como objetivo inserir na referida escola valores da cosmovisão africana: a circularidade, a oralidade, a musicalidade e a corporeidade. Essas ações tiveram a Pretagogia como referencial teórico-metodológico para elaboração de um trabalho que envolvesse o corpo como processo de aprendizagem e a leitura dramática de uma história que retratasse o racismo na escola, na (re)valorização da negritude. A partir dessas intervenções percebemos: (1) a importância de ações afrocentradas nas escolas possibilitando o desenvolvimento cultural e (2) que o racismo ainda se constitui como um dos fatores presente no ambiente escolar.

**Palavras-Chave:** intervenções; pretagogia; lei 10.639/03.

### **1. INTRODUÇÃO**

---

<sup>1</sup> Este trabalho surgiu a partir das vivências adquiridas na disciplina Pretagogia, que faz parte da grade curricular do curso de Pedagogia do Instituto de Humanidades e Letras (IHL) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), ministrada pela professora Dr<sup>a</sup> Rebeca de Alcântara e Silva Meijer.

No dia 13 de abril de 2016 foi realizada duas intervenções pedagógicas afrocentradas na Escola de Ensino Infantil e Fundamental I Diomedes Marinho, situada no município de Baturité-CE<sup>2</sup>. As intervenções tiveram como público alvo os estudantes que tinham a faixa etária por volta de cinco até seis anos de idade, tendo como objetivo (re)pensar novas ações que coloque em pauta o processo de desenvolvimento e aprendizagem dos sujeitos, assim, promovendo a (re)valorização da negritude e da história e da cultura negra; desse modo, contribuindo na implementação da lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira na Educação Básica.

Essas intervenções se fazem necessárias, pois as escolas de modo geral quase nunca utilizam novas composições e materiais pedagógicos que valorizem a estética e a cultura africana e afro-brasileira no processo de ensino e aprendizagem de crianças e adolescentes. A partir disso, nota-se a importância de pensar, fazer e compartilhar novas ações pedagógicas de matrizes africanas que chamem a atenção tanto dos estudantes como dos/as professores/as e educadores.

Nessa perspectiva as intervenções se estruturaram na concepção da circularidade, da corporeidade, da oralidade e da musicalidade, isto é, alguns elementos da cosmovisão africana, que segundo Rocha: “[...] é a ótica africana sobre o mundo e suas relações; representa princípios que orientam o viver africano, seu modo de organização social, seus valores e formas de ver e entender o mundo”. (ROCHA, 2011, p. 33).

A primeira intervenção teve como proposta pensar e construir o corpo como objeto histórico dançante capaz de resgatar a memória do povo negro. Isto é, o corpo como processo de aprendizagem: construção e afirmação de uma cultura negra, da sua própria negritude. Enquanto a segunda intervenção teve como objetivo, através da leitura dramática do livro “Zica: a menina negra que viu um erê!”, de Rebeca Alcântara e Silva Meijer, fazendo com que os estudantes envolvidos percebessem como o racismo pode acontecer no cotidiano escolar e promover uma valorização da identidade, da cultura e da estética negra.

## 2. METODOLOGIA

Segunda PETIT (2015), a “Pretagogia” surgiu a partir de estudos e experiências pedagógicas de professores e professoras da Universidade Federal do Ceará (UFC) e de membros do NACE (Núcleo das Africanidades Cearenses), que tinham como objetivo buscar a formação docente para a implementação da lei 10.639/03, utilizando metodologias embasadas na cosmovisão

---

<sup>2</sup> Município localizado no interior do estado do Ceará, na macrorregião do Maciço de Baturité, que é composta por 13 cidades. A escola se localiza na comunidade Lages.

africana. Aos poucos esses estudos e experiências foram sendo sistematizados e transformados em artigos (PETIT; SILVA, 2011) e teses de doutorado (MEIJER, 2012; SILVA, 2013), recebendo a denominação de “Pretagogia”.

Sandra Petit explica ainda que a Pretagogia é “uma pedagogia que potencializa os aprendizados da nossa ancestralidade africana” (PETIT, 2015, p.108), tendo como base teórica os seguintes autores: Bâ (1982), Munanga (2009), Sodré (1988, 2012), Cunha (2007), Oliveira (2006, 2007), Petit e Silva (2011), Cruz (2011), Meijer (2012), Videira (2010), dentre outros. A Pretagogia também pretende fazer uma crítica aos currículos, em especial dos cursos de Pedagogia, que são notadamente eurocêntricos, e a partir disso tem como objetivo a descolonização do pensamento.

Assim, a Pretagogia é um referencial teórico-metodológico afrocentrado em construção que utiliza elementos da cosmovisão africana, como por exemplo, a circularidade, a corporeidade e a musicalidade, entre outros. Nesse sentido, ressalta Sandra Petit:

[...] a Pretagogia se alimenta dos saberes, conceitos e conhecimentos de matriz africana, o que significa dizer que se ampara em um modo particular de ser e estar no mundo. Esse modo de ser é também um modo de conceber o cosmos, ou seja, uma cosmovisão africana. (PETIT, 2015, p. 119-120).

A partir disso tentamos, através da Pretagogia, nos apropriar desses valores africanos para, através das intervenções, repassá-los aos estudantes para que eles pudessem conhecer um pouco da cosmovisão africana.

### 3. DESENVOLVIMENTO

#### **Intervenção I: *Corpo-afro: o corpo como ser interpretante-dançante de valores e significados.***

Nas manifestações culturais de matrizes africanas o corpo é constantemente retomado como processo vital da formação estética e ética (potencialização das forças vitais) do humano; é no corpo como patrimônio sociocultural africano que encontramos diversas possibilidades de expressar de forma dançante as memórias transcritas fora e dentro do corpo (PETIT, 2015). Desse modo, o corpo torna-se afirmação de uma memória negada que se expressa por meio de movimentos corporais, tonalidades, formas, sons, símbolos e ritmos; narrando suas histórias, resistências e vontades. Partindo dessa noção, esta intervenção pedagógica teve como objetivo o corpo como instrumento de aprendizagem, pautado na cosmovisão africana.

No pátio da escola e em círculo foram aplicados em primeiro momento os exercícios corporais de aquecimento, ao modo elaborado por Augusto Boal; mas os exercícios foram

adaptados para as crianças da escola, possibilitando aprimorar o corpo para movimentos mais ritmizados e estimulando uma percepção mais eficaz entorno das tonalidades sonoras, das formas e dos símbolos no espaço.

Posteriormente foi proposto que as crianças executassem movimentos corporais sequenciados em círculo, isto é, uma coreografia envolvida nos compassos da música *África* da banda *Palavra Cantada*, resultando numa dramaticidade dançante, na concepção da circularidade e da corporeidade: o corpo como condutor da existência, capaz de ser interpretante de si e da sua realidade sociocultural. Dessa maneira, potencializando a cognição, os sentidos e as percepções; assim, permitindo novas leituras do espaço de forma festiva e prazerosa por meio do corpo que se constrói pela história e pela cultura negra. Aprendendo construir a si através de uma atividade coletiva, desse modo aguçando e estimulando a curiosidade, a criatividade e alguns valores da cosmovisão africana.

## **Intervenção II: *Combatendo o racismo***

O objetivo desta intervenção foi mostrar aos estudantes o que é o racismo, de que forma ele acontece e ao mesmo tempo buscar valorizar a identidade e a estética negra, assim como elementos da cultura africana e afro-brasileira, utilizando o livro “Zica: a menina negra que viu um erê!”.

O livro conta a história de Zica, uma menina que sofria com a discriminação racial na escola. Ela percebeu que seus traços físicos, seu cabelo e cor de pele, nunca eram valorizados ou vistos como sinônimos de beleza, tanto na sua escola como na sociedade em geral. Os cartazes da escola, os personagens da TV e das histórias infantis nunca tinham pessoas negras como papel de destaque e isso a incomodava. Ela também percebeu que embora *caprichasse* muito no visual, nunca era percebida e elogiada. Até que um dia foi transportada para um mundo onde pôde moldar a sua identidade e se reconhecer como uma pessoa negra. Ela também conheceu as belezas do mundo africano e o encanto dos orixás. Nessa aventura recebeu uma missão: se tornar uma professora e a partir disso combater toda forma de racismo e discriminação racial na escola.

A partir da leitura dramática os estudantes demonstraram que não sabiam ainda definir o que é o racismo. Mas à medida que a história ia sendo narrada se mostraram surpresos ao verem personagens de cor negra. Alguns perguntavam: “*Mas porque ele é marrom?*”. E sobre o cabelo de Zica, diziam: “*é assanhado...*”, “*tá alto!*”, “*parece uma bruxa...*”. E quando Zica encontra um príncipe encantado, um jovem negro que gosta de capoeira, muitos disseram: “*Mas ele é feio!*”.

Esses exemplos das falas dos estudantes nos mostram que eles/elas não veem as características físicas dos personagens negros como algo belo, reforçando que o padrão imposto pela sociedade é o padrão europeu, em que uma pessoa alta, branca, magra e de olhos claros é sinônimo de *beleza*. Enquanto a cor negra é carregada de negatividade, tal como explica Santos (2002):

[...] Se o branco representa a razão, o belo, o bom, o justo... a humanidade, ou seja, simboliza os valores desejáveis, o negro, por sua vez, pode representar a desrazão, a loucura (a bília negra que obscurece), o feio, o injusto, a animalidade. Ou, de uma forma mais radical, o negro pode simbolizar o estranho. (SANTOS, 2002, p.280)

Dessa forma, é válido salientar que a estigmatização que envolve a cor negra, tendo em vista que a sociedade a vê como algo que está carregado de negatividade faz com que surjam estereótipos do ser negro, como um ser pejorativamente inferior, causando estranhamento, relações racistas e discriminatórias.

Após o término da leitura do livro foi feita uma roda de conversa em que foi perguntado aos estudantes o que eles entenderam a partir da história. Um aluno afirmou o seguinte: “Tia, *eu entendi que não interessa a cor da pessoa, tem que respeitar!*”. Outra ressaltou: “*Se a Zica sabe capoeira, quero aprender uns golpes! E com ela!*”.

#### 4. CONCLUSÃO

Desse modo, concluiu-se sobre as intervenções: (1) a importância de mais ações afrocentradas nas escolas infantis no Maciço de Baturité, possibilitando o desenvolvimento cultural, criativo e espiritual da criança e (2) as intervenções mostraram que o racismo ainda é algo que está bastante presente na escola e que precisa ser combatido, pois é no ambiente escolar que a criança negra é mais atingida por atitudes racistas.

Além disso, percebemos que embora a escola em que foi realizada as duas intervenções tenha materiais didáticos, como por exemplo, livros infanto-juvenis e instrumentos musicais que remetem a cultura afro-brasileira e africana, a própria professora afirmou que nunca os utiliza pela falta de capacitação docente ou de profissionais mais específicos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOAL, Augusto. **200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. 9º Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- CRUZ, Norval Batista. **Consciência Corporal e Ancestralidade Africana**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2011.

- GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos.** Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012. p. 98-109.
- JESUS, Regina de Fátima.; ARAÚJO.; Mairce da Silva.; CUNHA JÚNIOR, Henrique [Orgs]. **Dez anos da lei 10.639/03: memórias e perspectivas.** Fortaleza: Edições UFC, 2013.
- MACHADO, Aldibênia Freire.; ALVES, Maria Kellynia Farias.; PETIT, Sandra Haydée [Orgs]. **Memórias de Baobá II.** Fortaleza: Imprece, 2015.
- MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva. **A menina e o erê nas viagens ao ser negro: uma pesquisa sociopoética com educadores em formação.** 2007. 213 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Valorização da cosmovisão africana na escola: narrativa de uma pesquisa-formação com professoras piauienses.** Tese de Doutorado em Educação Brasileira. Fortaleza, UFC: 2012.
- \_\_\_\_\_. Zica: a menina negra que viu um erê! Fortaleza: Imprece, 2015.
- PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras e professores.** Fortaleza: EdUECE, 2015.
- PETIT, Sandra Haydée.; SILVA, Geranilde Costa e. **Memórias de Baobá.** Fortaleza: Edições UFC, 2012.
- PETIT, Sandra Haydée.; SILVA, Geranilde Costa e. **Pretagogia: referencial teórico para o ensino da História e Cultura Africana e dos Afro-descendentes.** In: CUNHA, H; SILVA, Cícera; ROCHA, Rosa Magarida de Carvalho. **A pedagogia da tradição: as dimensões do ensinar e do aprender no cotidiano das comunidades afro-brasileiras.** Paieia r. do cur. De ped. da Faculdade de Ciências Humanas, Soc. e da Saú. Univ. Fumec. Belo Horizonte, ano 8, nº 11, jul./dez 2011, p. 31-52.
- SANTOS, Gislene Aparecida dos. **Selvagens, exóticos, demoníacos: idéias e imagens sobre uma gente de cor preta.** Estudos afro-asiáticos, 2002. p. 275 289.
- SILVA, Joselina (org.). **Artefatos da Cultura Afro-cearense.** Fortaleza: UFC, 2011.
- SILVA, Geranilde Costa e. **O uso da literatura de base africana e afrodescendente junto a crianças das escolas públicas de Fortaleza: construindo novos caminhos para repensar o ser negro.** 2009. 127. F. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.